

Formação do enfermeiro para os cuidados de pacientes críticos na Unidade de Terapia Intensiva

RESUMO | Objetiva-se analisar e discutir o perfil da formação pré e pós-admissional dos enfermeiros de uma UTI. Estudo descritivo com 20 enfermeiros de uma UTI num hospital de ensino no Rio de Janeiro. Foi realizada uma entrevista contendo variáveis sociais e formação pré e pós-admissional. Os dados foram analisados por estatística descritiva. A média de idade dos enfermeiros foi de 39,4 anos e 12 (60%) foram admitidos na UTI com algum tipo de especialização médico-cirúrgica. No que tange à formação em stricto sensu, somente (3) 15% tinham essa formação pré-admissão, sendo que houve aumento de 8 (40%) na formação pós-admissional, distribuídos entre lato e stricto sensu. Conclui-se que há o domínio da formação lato sensu, reflexo de uma formação voltada para a prática, porém já é possível observar a presença de mestres profissionais e doutorandos demonstrando a preocupação com sua autonomia e aprimoramento permanente de alto nível.

Palavras-chaves: admissão e escalonamento de pessoal; cuidados críticos; educação em enfermagem.

ABSTRACT | The aim of this study is to analyze and discuss the profile of pre and post admission training of nurses at an ICU. A descriptive study with 20 nurses from an ICU in a teaching hospital in Rio de Janeiro. An interview was conducted containing social variables and pre and post admission training. Data were analyzed by descriptive statistics. The mean age of the nurses was 39.4 years and 12 (60%) were admitted to the ICU with medical-surgical specialization. Concerning training in stricto sensu, only (3) 15% had this pre-admission training, and there was an increase of 8 (40%) in post-admission training, distributed between lato and stricto sensu. It is concluded that there is mastery of the lato sensu training, reflecting a practical formation, but it is already possible to observe the presence of professional masters and doctoral students demonstrating the concern with their autonomy and permanent improvement of high level.

Keywords: personnel staffing and scheduling; critical care; education, nursing.

RESUMEN | Se pretende analizar y discutir el perfil de la formación pre y post-admissional de los enfermeros de una UTI. Estudio descriptivo con 20 enfermeros de una UTI en un hospital de enseñanza en Rio de Janeiro. Se realizó una entrevista que contenía variables sociales y formación pre y post-admissional. Los datos fueron analizados por estadística descriptiva. La media de edad de los enfermeros fue de 39,4 años y 12 (60%) fueron admitidos en la UTI con algún tipo de especialización médico-quirúrgica. En lo que se refiere a la formación en stricto sensu, solamente (3) 15% tenían esa formación pre-admisión, siendo que hubo aumento de 8 (40%) en la formación post-admissional, distribuidos entre lato y stricto sensu. Se concluye que existe el dominio de la formación lato sensu, reflejo de una formación orientada a la práctica, pero ya es posible observar la presencia de maestros profesionales y doctorandos demostrando la preocupación por su autonomía y perfeccionamiento permanente de alto nivel.

Descriptor: admisión y programación de personal; cuidados críticos; educación en enfermería.

Patrícia Veras Neves de Oliveira

Mestre em Ciências do Cuidado em Saúde pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa/UFF. Enfermeira do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho/UFRJ.

Alexandra de Oliveira Matias

Enfermeira do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho/UFRJ. Doutoranda do Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde da Universidade Federal Fluminense e enfermeira da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Geilsa Soraia Cavalcanti Valente

PhD pela Escola Superior de Enfermagem do Porto/Portugal; Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ; Professora Associada I do Departamento de Fundamentos de Enfermagem e Administração da EEAAC/UFF. Niterói/RJ.

Cláudia Maria Messias

PhD pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa/UFF. Profª Adjunta do Dep. Materno Infantil e Psiquiatria - MEP. Universidade Federal Fluminense - UFF, Rio de Janeiro, Brasil.

Fabiana Silva Marins Santa Rosa

Doutoranda em Ciências do Cuidado da UFF, Mestre em Ensino na Saúde UFF, Especialista em Saúde da Família UERJ, Enfermeira da Atenção Básica da Coordenadoria da AP 5.1 do RJ lotada no Departamento de Ações e Programas em Saúde, Enfermeira do Núcleo de Vigilância Hospitalar do HMMRC de Duque de Caxias, Professora de Atenção Básica da UNISUAM.

Joana Darc Fialho de Souza

Mestre em Ciências do Cuidado em Saúde / EEAAC/UFF. Professora auxiliar. Eixo Metodologia de Ensino e Pesquisa de Enfermagem UFRJ Campus Macaé.

Recebido em: 13/02/2019

Aprovado em: 13/02/2019

INTRODUÇÃO

Diante da admissão do enfermeiro na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), há o dilema da necessidade do agir iminente frente as bases de formação para tal competência. Urge então o questionamento: Qual o perfil da formação do enfermeiro diante de sua trajetória na UTI? O enfermeiro precisa de constantes aprimoramentos e sua atuação, compromisso e necessidade de conhecimento tangem como fatores desencadeadores para sua formação permanente. A prática profissional e o incremento da formação permanente são determinantes para se alcançar uma assistência de enfermagem especializada, segura e de qualidade.

Neste seguimento, há o incentivo da Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde do Ministério da Saúde – ANPPS/MS¹, para estudos voltados para a gestão do trabalho e educação em saúde, bem como a transformação da prática e organização do trabalho são contempladas pelo Programa Nacional de Educação Permanente em Saúde - PNEPS².

Vale-se traçar estudos sobre o perfil do enfermeiro, visto que este vem sofrendo mudanças conforme as exigências do mercado de trabalho. No tentando, ainda ocorre uma dissociação entre a formação acadêmica e a realidade do mercado. É preciso não apenas reorganizar os sistemas de ensino e promover a formação de profissionais com perfis para o mercado, mas sim e, paralelamente, ter o enfoque no crescimento pessoal, para uma visão ampla da profissão, para a promoção do conhecimento e da inovação, beneficiando não apenas o cuidado, mas a equipe, a instituição, a si e a sociedade³.

Este estudo tem por objetivo analisar e discutir o perfil da formação pré e pós-admissional dos enfermeiros de uma UTI de um hospital de ensino no Rio de Janeiro. A ênfase no perfil da formação do enfermeiro da UTI con-

"Neste seguimento, há o incentivo da Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde do Ministério da Saúde – ANPPS/MS1, para estudos voltados para a gestão do trabalho e educação em saúde, bem como a transformação da prática e organização do trabalho são contempladas pelo Programa Nacional de Educação Permanente em Saúde - PNEPS²."

tribui para segurança e qualidade do cuidado, oferecendo subsídios gerenciais, dando respostas aos avanços na UTI e assumindo novas competências relacionadas ao saber e ao cuidar. Este estudo surge como uma provocação às instituições de ensino e saúde e aos enfermeiros envolvidos com a assistência, gerência e pesquisa, para que critiquem e mergulhem nas questões que reportem à admissão e trajetória da formação do enfermeiro no trabalho especializado em UTI. Tange também incitar aos diversos enfermeiros que estão vivenciando a admissão numa UTI, para o seu melhor agir, que começa o percurso de sua formação permanente. A escassez de estudos demonstra uma fragilidade na busca desta temática, sendo esta uma constatação tanto de cunho nacional como internacional^{4,5}.

METODOLOGIA

Estudo descritivo realizado com 20 enfermeiros lotados numa UTI adulto de um hospital de ensino do Rio de Janeiro. A coleta foi realizada entre abril e junho de 2016. A média de enfermeiros foi de um para cada cinco pacientes. Após o consentimento dos participantes da pesquisa, foi realizada uma entrevista seguindo um roteiro semiestruturado em que os profissionais foram entrevistados aleatoriamente e cada um recebeu o número de identificação conforme entrada no grupo. A coleta foi realizada de acordo com a disponibilidade dos enfermeiros no período do trabalho. Este estudo refere-se aos dados da primeira parte do roteiro das entrevistas, em que foram analisados quantitativamente as variáveis: sexo; idade; tempo de conclusão da graduação (anos); tempo de conclusão da graduação quando admitidos na UTI (anos); experiência pré-admissional; tempo de atuação na UTI (anos); outro vínculo profissional; formação lato sensu e stricto sensu pré e pós-admissional.

Os dados descritos deste artigo fo-

ram tabulados, analisados e discutidos a partir do programa estatístico Action Pro® e referem parte do resultado de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Núcleo de Pesquisa Trabalho, Saúde e Educação e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Cidadania e Gerência em Enfermagem do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Cuidado em Saúde da Universidade Federal Fluminense (UFF), localizada em Niterói, Rio de Janeiro, sob aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, processo n.º 1.409.250/2016, em consonância com a Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os participantes da pesquisa foram orientados verbalmente e através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo de livre escolha permanecer ou desligar-se da pesquisa a qualquer momento; bem como foi traçado como critério de inclusão os enfermeiros integrantes da referida UTI com escala de enfermagem dia e noite (12X60h), diarista (7-13h) e; critério de exclusão, os enfermeiros em período de licença ou férias durante o período da coleta de dados. Outrossim, dos 22 enfermeiros, dois foram excluídos por licença à saúde. Foi mantido o anonimato dos participantes da pesquisa.

Dessa maneira, o estudo percorreu a partir das seguintes categorias: Perfil do enfermeiro quanto ao sexo, idade, tempo de conclusão da Graduação pré-admissional e no tempo atualmente, experiência prévia, tempo de atuação na UTI e outro vínculo profissional; e formação pré e pós-admissional dos enfermeiros da UTI.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil do enfermeiro quanto ao sexo, idade, tempo de conclusão da graduação pré-admissional

Dos entrevistados, somente um (2%) era do sexo masculino, a predominância do sexo feminino é consequência da visão social do cuidado como uma competência inata feminina, um

imaginário que se reflete no ambiente hospitalar⁶. A média de idade foi de 39,4 anos, com amplitude mínima de 29 anos e máxima de 60 anos, ($\pm 9,2$) anos. Houve preponderância de profissionais na faixa etária de até 40 anos, 10 (50%), no entanto, quatro (20%) desses profissionais tem mais de 50 anos. No que tange ao tempo de conclusão da Graduação, há uma prevalência de 11 (55%) enfermeiros com até 14 anos de formação, com média de 14,8 anos e, sequencialmente, 7 (35%) enfermeiros estão entre 14 e 22 anos formados. Na relação das predominâncias de enfermeiros com a faixa de idade de até 40 anos, o tempo de Graduação foi até 14 anos e, tempo de conclusão da Graduação quando admitidos na UTI, foi evidente que 12 (60%) tinham em média 7,5 anos de conclusão ao serem admitidos. Isto reporta que a maioria dos enfermeiros não foi admitida na UTI sequencialmente à conclusão da Graduação. O que demonstra um intervalo de tempo significativo para novas formações e experiências do enfermeiro, contribuindo para sua bagagem profissional ao ingressar na UTI.

Experiência prévia, tempo de atuação na UTI e outro vínculo profissional

Quanto ao tipo de experiência dos enfermeiros pré-admissionais à UTI, considerou-se que essa experiência é colaborativa para a formação do enfermeiro. Desta forma, todos os enfermeiros quando admitidos tiveram uma experiência anterior e os dados demonstraram que 13 (42%) trabalharam em cuidados críticos adulto ou em neonatologia (unidades fechadas); sequencialmente, 10 (32%) trabalharam em cuidados na assistência médico-cirúrgica, o que em seus relatos expressaram que vivenciaram o cuidado a pacientes críticos em unidades abertas; como também, alguns enfermeiros tiveram mais de um campo de atuação antes de serem admitidos, sendo na docência, gerência e psiquiatria.

A experiência anterior do enfermeiro é um fator que contribuiu para alocação do profissional na instituição e propicia o ambiente de aprendizagem do enfermeiro novato na UTI, como também existe uma relação da experiência profissional com o desenvolvimento da autonomia do enfermeiro e com o menor índice de morbimortalidade na UTI⁷.

Quanto ao tempo de atuação na UTI, a maioria, um (65%) dos enfermeiros tem aproximadamente uma década, média de 9,6 anos e amplitude mínima de 1 ano e máxima de 30 anos, ($\pm 8,4$) anos. Isto posto, percebe-se que há um baixo índice de rotatividade dos enfermeiros, o que configura uma vasta experiência destes profissionais na área. Neste sentido, defende-se que é preciso reduzir a rotatividade dos enfermeiros na UTI, devendo ser este um dos objetivos dos líderes da enfermagem, promovendo a capacidade de resiliência dos profissionais frente às peculiaridades da UTI⁸. Do contrário, quando a rotatividade de enfermeiros aumenta, gera um desgaste das partes, diante da inexperiência do novato, somado a baixa produtividade inicial e múltiplas funções do enfermeiro que domina o ambiente. Por outro lado, emerge que o novato acaba resgatando o papel educador do enfermeiro experiente, em prol de assegurar e manter a competência da equipe^{9,10}.

Dos que têm outro vínculo profissional paralelo à atuação na UTI, nove (39%) também trabalham na assistência ao paciente em outra instituição, cinco (22%) enfermeiros estão vinculados à docência e seis (26%) enfermeiros participam de atividades como discente, distribuídos entre doutoramento e/ou vínculo com núcleos de pesquisa e um (5%) enfermeiro trabalha na gerência. A questão do vínculo paralelo ao trabalho na UTI foi abordada por compreender que as diversas dimensões da atuação do enfermeiro somam à formação do enfermeiro. No entanto,

sabe-se que ao mesmo tempo em que estes saberes contribuem no exercício profissional, a prevalência de enfermeiros com mais de um vínculo empregatício pode estar associado a múltiplas aptidões, sendo este um fator de valorização profissional, ou pela necessidade de complementação salarial, neste caso, sobressai o dilema do desdobramento do enfermeiro que vivencia muitas vezes a exaustão profissional, física e emocional, certamente, implicando nos resultados do seu trabalho.

Formação pré e pós-admissional dos enfermeiros da UTI

Em relação à formação lato sensu pré-admissional, nove (45%) enfermeiros tiveram formação específica para cuidados em UTI/ Cuidados Críticos/ Cardiovascular/ Neonatologia. Já entre os enfermeiros com formação na área da Clínica Cirúrgica/ Médico-Cirúrgica/ Nefrologia, três (12%) expressaram que também tiveram a abordagem de conhecimentos e prática em UTI durante esta formação. Os demais cursos de especialização foram distribuídos na área de gestão e saúde do trabalhador. Vale destacar que alguns enfermeiros cursaram duas ou mais especializações/residência. Em ressalva, oito (31%) dos enfermeiros que foram admitidos sem formação lato sensu, ao longo do ingresso na UTI, sendo que três (33%) procuraram a especialização em UTI, e houve a busca de mais de uma especialização por um (11%) enfermeiro na referida trajetória, no entanto, quatro (20%) ainda permanecem sem especialização. Frente a estes dados, há uma consonância com um estudo¹¹ que mostra que muitos enfermeiros recém-graduados retornam à academia, o mais precocemente, por diversos motivos, trilhando o lato sensu no intuito de sair do perfil generalista do enfermeiro. Paralelamente, a questão da formação lato sensu é um fator que colabora para o direcionamento dos enfermeiros para as unidades de trabalho conforme a es-

pecialidade cursada. Isso se dá porque acredita-se que este tipo de formação facilita a adaptação e o treinamento, viabilizando a rapidez para produção do cuidado.

Na formação stricto sensu pré-admissional, somente três (15%) enfermeiros já tinham esse título, e desses, dois (66%) foram direcionados aos cuidados hospitalares. Quando se compara a formação pós-admissional dos

"Na formação stricto sensu pré-admissional, somente três (15%) enfermeiros já tinham esse título, e desses, dois (66%) foram direcionados aos cuidados hospitalares."

17 (85%) enfermeiros sem formação stricto sensu, somente quatro (24%) obtiveram este título, sendo nas mesmas proporções (50%) para o mestrado profissional e acadêmico. Os Cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu têm como principal foco a formação de docentes e pesquisadores, porém, estudos atuais a respeito da formação de mestres em enfermagem demonstram que este consenso está em processo de transformação. Desta forma, a formação stricto sensu vem transcendendo a vida aca-

dêmica, tendo repercussão na atividade assistencial⁵.

O mestrado profissional é uma modalidade de pós-graduação nova se comparado ao acadêmico, e vem mobilizando no enfermeiro assistencial a capacidade de aprimorar-se em conhecimentos e tecnologias que produzam impactos melhores e mais efetivos, capazes de proteger e promover a saúde com qualidade de vida e reduzir as doenças. Como também na busca de respostas e soluções relativas à gestão do sistema de saúde e à formação de recursos humanos em enfermagem capaz de traduzir o conhecimento científico em produtos e processos inovadores que atendam às necessidades da prática profissional e às novas demandas da sociedade. Diferenciando-se do mestrado acadêmico, o qual também agrega essas particularidades, porém com a possibilidade de incorporação à docência¹².

Vale ressaltar que dos enfermeiros entrevistados, três (15%) ingressaram na UTI em fase de doutoramento, os quais ainda encontram-se cursando. A formação stricto sensu ainda perdura a ausência de doutores na assistência e isso é imagem do baixo incentivo do próprio país a esse tipo de modalidade para assistência, pois esses profissionais têm dificuldades em adquirir bolsas para o estudo ou mesmo qualquer incentivo para se ausentar do seu serviço a fim de dedicar-se à pesquisa. No que tange ao progresso da formação permanente do enfermeiro, conjura-se que hospitais de ensino sejam plenamente incentivadores para a formação e qualificação do profissional. É notório que existe uma lacuna na formação do enfermeiro durante sua trajetória na UTI, haja vista dos 20 enfermeiros abordados, houve um incremento de oito (40%) na formação lato e stricto sensu, sendo quatro (20%) dos enfermeiros ainda sem especialização e 13 (65%) sem formação stricto sensu, considerando que o tempo de atuação

dos enfermeiros na referida unidade é predominantemente com média de 9,6 anos.

Esta constatação emerge para novos questionamentos, visto que se espera como particularidade no hospital de ensino, a titulação acadêmica mais alta, em contratempo, sabe-se que o enfermeiro tem exercido múltiplas funções e diversos obstáculos profissionais. Há de se considerar que a formação permanente do enfermeiro na UTI não se limita à titulação lato ou stricto sensu, mas transcende às academias, visto que formar-se tem o cunho intrínseco e extrínseco que é desenvolvido na prática do cuidado, da gerência e na construção do conhecimento. Dessa forma, torna-se facilitador que os hospitais de ensino juntamente com o corpo de profissionais, busquem estratégias para que o perfil da formação dos enfermeiros atenda não apenas às necessidades pessoais, mas às profis-

sionais, da instituição, do paciente e da sociedade^{13,14}.

CONCLUSÃO

A especialização lato sensu ainda é a modalidade de formação mais prevalente entre os enfermeiros na UTI. Contudo, a estabilidade do serviço proporciona para alguns enfermeiros uma estagnação da formação ainda em nível de Graduação. A formação ao nível de stricto sensu ainda é uma modalidade distante para as perspectivas desses profissionais. No entanto, o mestrado profissional em enfermagem aparece como uma possibilidade palpável para os profissionais da área assistencial devido as suas características de resolução de problemas vivenciados na prática do cotidiano desses profissionais. Percebe-se ainda a falta de debate da inserção desses enfermeiros doutores no contexto dos hospitais de ensino, compactuando com as prioridades de

pesquisa dando visibilidade às competências dos enfermeiros com foco no cuidado em UTI.

Desse modo, o enfermeiro intensivista deve refinar sua capacidade de aprender a aprender conjecturando à formação permanente. Enfim, o incremento do perfil da formação do enfermeiro intensivista garante o cumprimento das tarefas e responsabilidades do exercício profissional com qualidade e segurança sempre buscando os desfechos favoráveis do cuidado de enfermagem.

As limitações apresentadas no transcorrer deste estudo foram pelas dificuldades dos enfermeiros em disponibilizar tempo para as entrevistas devido a demanda de trabalho, bem como esta amostra é uma realidade de um hospital de ensino do Rio de Janeiro e, comparações devem ser consideradas pela pluralidade cultural e diversidade das regiões. 🐦

Referências

1. Ministério da Saúde (BR). Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde do Ministério da Saúde. 2.ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2011. [cited 2015 Jul 17]. Available from: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/agenda_nacional_prioridades_2ed_3imp.pdf.
2. Ministério da Saúde (BR). Programa Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2009. [cited 2015 Jul 17]. Available from: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/pacto_saude_volume9.pdf.
3. Araújo NP, Miranda TOS, Garcia CP. O estado da arte sobre a formação do enfermeiro para a gestão em saúde. *Revista Enfermagem Contemporânea* [Internet]. 2014 Dec [cited 2015 Jul 17]; 3(2):165-180. Available from: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/365>.
4. Souza CJ, Valente GSC. Perfil do enfermeiro coordenador neófito no gerenciamento em unidade de terapia intensiva. *Rev. Enf. Profissional* [Internet]. 2014 jul/dez [cited 2016 Sept 09]; 1(2):521-532. Available from: http://www.seer.unirio.br/index.php/enfermagemprofissional/article/view/3724/pdf_1420.
5. Jesus BH, Gomes DC, Spillere LBB, Prado ML, Canever BP. Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. *Esc. Anna Nery* [Internet]. 2013 June [cited 2016 Sept 09]; 17(2):336-345. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000200019&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452013000200019>.
6. Pimentel TS, Lúcio IML, Oliveira KCPN, Bastos LA, Santos EA. Processo de trabalho de enfermeiros de unidades de terapia intensiva: desafios da formação acadêmica *Rev enferm UFPE on-line* [Internet]. 2013 Aug 15 [cited 2016 Aug 20]; 7(10). Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/4227>.
7. Delors J. Educação: um tesouro a descobrir. 2ª ed. São Paulo: Cortez Brasília; 2003.
8. Souza LL, Araújo DB, Silva DS, Bêredo VCM. Representations of gender in nursing practice from the perspective of student. *Ciências & Cognição* [Internet] 2014 Jul [cited 2015 Jul 17]; 19(2):218-232. Available from: <http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/psi-64117>.
9. Baumann MH, Simpson SQ, Stahl M, Raof S, Marciniuk DD, Guterman DD et al. First, Do No Harm: Less Training ≠ Quality Care. *Am J Crit Care* [Internet]. 2012 Jun [cited 2015 Jul 18]; 21(4):227-30. Available from: <http://ajcc.aacnjournals.org/content/21/4/227.full>.
10. Mealer M, Conrad D, Evans J, Jooste K, Solyntjes J, Rothbaum B et al. Feasibility and acceptability of a resilience training program for intensive care unit nurses. *Am J Crit Care*. 2014 Nov; 23(6):e97-105
11. Tironi NM, Silva LGC, Dellaroza SMG, Haddad MCL, Vannuchi MTO. Repercussões gerenciais da rotatividade de pessoal sob a ótica de enfermeiros: pesquisa exploratória. *Online Braz J Nurs* [Internet] 2014 Dec [cited 2016 Jan 25]; 13(4):549-58. Available from: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4394>.
12. Pimentel TS, Lúcio IML, Oliveira KCPN, Bastos LA, Santos EA. Management impact of staff turnover in the view of nurses: an exploratory study. *Online braz j nurs* [Internet]. 2014 Sept [cited 2015 Jul 17]; 13(4):549-58. Available from: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/439>.
13. Barbosa IG. Os motivos do enfermeiro para a inserção em cursos lato sensu sob o olhar da complexidade. Rio de Janeiro: UFRJ / EEAN; 2011.
14. Scochi CGS, Gelbcke FL, Ferreira MA, Alvarez AM. Mestrado profissional: potencial contribuição para a Enfermagem de Prática Avançada. *Rev. Bras. Enferm* [Internet]. 2015 Dec [cited 2016 Sept 09]; 68(6):1186-1189. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672015000601186&lng=en. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680626i>.